



Questão 1 - Língua Portuguesa

Examine a tirinha da cartunista Ciça.



(Pagando o pato, 2006.)

a) Considerando o pensamento de Naná, que recurso retórico teria sido empregado por sua amiga? Justifique sua resposta.

b) No último quadrinho, que ideia o emprego do verbo “acho” confere ao enunciado? Reescreva a fala de Naná, desfazendo essa ideia.

Resolução:

a) A amiga de Naná teria empregado a ironia.

Apesar dos diversos elogios feitos pela amiga à sua aparência, Naná suspeita que, na verdade, ela quis indiretamente chamá-la de gorda. O aparente elogio, portanto, tem que ser entendido como uma ofensa, o que caracteriza a ironia.

b) O emprego do verbo “acho” confere um caráter de suposição ao que se afirma no enunciado.

“Tenho certeza de que ela me chamou de gorda.”

“Sem dúvida, ela me chamou de gorda.”

Questão 2 - Língua Portuguesa

Para responder à questão, leia o poema “A avó”, do poeta parnasiano Raimundo Correia.

Este infante¹ de olhar e faces inocentes
Me repele, e por que, quando me acheço dele?
Quando com as mãos sem força, engelhad², trementes,
O afago, por que chora e por que me repele?!

A velhice tornou meu semblante tão feio,
Que às crianças que beijo, ameigo³ e acaricio
Já não inspiro amor, só inspiro receio?!

Meu riso é hoje acaso um momo⁴ tão sombrio,
Que este infante que embalo, este que de mim veio,
Que é meu neto, este até, chora quando me rio?!

E como ele, contudo, eu sou fraca, e, como ele,
Eu não tenho também nem cabelos, nem dentes...
Ai! quando o vou beijar, por que é que me repele
Este infante de olhar e faces inocentes?!

(Raimundo Correia. *Poesia completa e prosa*, 1961.)

¹infante: criança.

²engelhado: enrugado.

³ameigar: afagar.

⁴momo: careta.

a) Explícite a contraposição em torno da qual o poema é construído.

b) Reescreva em ordem direta o seguinte trecho do poema: “às crianças que beijo, ameigo e acaricio / Já não inspiro amor” (2ª estrofe).

Resolução:

a) O poema é construído por meio da oposição entre a mais tenra infância e a velhice, sendo a primeira caracterizada como atrativa, e a segunda, como repulsiva. Percebe-se isso, pois o infante desperta ternura à idosa, ao passo que ela causa aversão a ele.

b) “Já não inspiro amor às crianças que beijo, ameigo e acaricio”

Questão 3 - Língua Portuguesa

Para responder à questão, leia o poema “A avó”, do poeta parnasiano Raimundo Correia.

Este infante¹ de olhar e faces inocentes
Me repele, e por que, quando me achego dele?
Quando com as mãos sem força, engelhad², trementes,
O afago, por que chora e por que me repele?!

A velhice tornou meu semblante tão feio,
Que às crianças que beijo, ameigo³ e acaricio
Já não inspiro amor, só inspiro receio?!

Meu riso é hoje acaso um momo⁴ tão sombrio,
Que este infante que embalo, este que de mim veio,
Que é meu neto, este até, chora quando me rio?!

E como ele, contudo, eu sou fraca, e, como ele,
Eu não tenho também nem cabelos, nem dentes...
Ai! quando o vou beijar, por que é que me repele
Este infante de olhar e faces inocentes?!

(Raimundo Correia. *Poesia completa e prosa*, 1961.)

¹infante: criança.

²engelhado: enrugado.

³ameigar: afagar.

⁴momo: careta.

a) Do ponto de vista formal, em que medida se pode dizer que o poema apresenta uma estrutura circular? Fundamente sua resposta com um ou mais versos do poema.

b) Transcreva os verbos das duas orações temporais que constam da primeira estrofe do poema.

Resolução:

a) O poema termina como começou, com a indagação do porquê da repulsa do infante aos gestos de carinho da avó, caracterizando a circularidade. Formalmente isso é expresso pela igualdade do primeiro verso com o último, e pela semelhança do segundo com o penúltimo.

Este infante de olhar e faces inocentes

Me repele, e por que, quando me achego dele?

Ai! quando o vou beijar, por que é que me repele

Este infante de olhar e faces inocentes?!

b) São os verbos “achego” e “afago”.

Questão 4 - Língua Portuguesa

Para responder à questão, leia o poema “A avó”, do poeta parnasiano Raimundo Correia.

Este infante¹ de olhar e faces inocentes
Me repele, e por que, quando me achego dele?
Quando com as mãos sem força, engelhadas², trementes,
O afago, por que chora e por que me repele?!

A velhice tornou meu semblante tão feio,
Que às crianças que beijo, ameigo³ e acarício
Já não inspiro amor, só inspiro receio?!

Meu riso é hoje acaso um momo⁴ tão sombrio,
Que este infante que embalo, este que de mim veio,
Que é meu neto, este até, chora quando me rio?!

E como ele, contudo, eu sou fraca, e, como ele,
Eu não tenho também nem cabelos, nem dentes...
Ai! quando o vou beijar, por que é que me repele
Este infante de olhar e faces inocentes?!

(Raimundo Correia. *Poesia completa e prosa*, 1961.)

¹infante: criança.

²engelhado: enrugado.

³ameigar: afagar.

⁴momo: careta.

- a) Que característica aproxima esse poema das antigas cantigas medievais de amigo? Que adjetivo empregado pelo eu lírico torna explícita essa característica?
- b) Expressão expletiva é aquela que não exerce nenhuma função sintática na frase. Cite a expressão expletiva que ocorre na última estrofe do poema. Que função ela desempenha no respectivo verso?

Resolução:

a) A característica que aproxima esse poema das cantigas de amigo é a presença de um eu lírico feminino que sofre e anseia pelo afeto de uma figura masculina.

O adjetivo é “fraca”. Ele reforça a ideia de que se trata de um eu lírico feminino e também mostra a condição desvantajosa da mulher, embora por motivos diferentes. Nas cantigas medievais de amigo, o adjetivo retrata a condição da mulher numa sociedade em que os homens prevaleciam; no poema, a condição de idosa.

b) Trata-se da expressão expletiva “é que”.

A sua função é a de destacar o termo que o antecede. No caso, a locução interrogativa de causa “por que”. Com isso, se enfatiza ainda mais a pergunta que percorre todo o poema: o motivo da repulsa do infante.

Questão 5 - Língua Portuguesa

Para responder à questão, leia um excerto de Fiódor Dostoiévski (1821-1881), escritor russo contemporâneo de Machado de Assis.

Talvez, senhores, pensem que enlouqueci. Permitam-me fazer uma ressalva. Concordo: o homem é um animal predominantemente construtivo, destinado ao esforço consciente em direção a um objetivo e dedicado à arte da engenharia, quer dizer, à eterna e incessante construção de uma estrada — *não importa para onde ela vá*. E que o ponto principal não é *para onde* ela vai, mas que vá a algum lugar, e que uma criança comportada, mesmo que deteste a profissão de engenheiro, não deve se render àquela desastrosa indolência que, como se sabe, é a mãe de todos os vícios. O homem ama a construção e a abertura de estradas, isso é indisputável. Mas como explicar que ele seja tão apaixonadamente propenso à destruição e ao caos? Digam-me! Sobre esse assunto tenho algo a dizer, ainda que breve. Não será seu apego apaixonado à destruição e ao caos uma consequência do seu medo instintivo de alcançar o objetivo e completar a obra em construção? [...] Mas o homem é uma criatura volúvel e de reputação duvidosa e, talvez, como um enxadrista, esteja mais interessado em perseguir um objetivo do que no objetivo em si. E, quem sabe (ninguém pode ter certeza), talvez o único propósito do homem neste mundo consista no processo contínuo de perseguir um objetivo ou, em outras palavras, de viver, e não propriamente no objetivo, que, é claro, tem de ser algo como duas vezes dois são quatro, ou seja, uma fórmula, algo que, afinal, não é a vida, mas o princípio da morte.

(Apud Eduardo Giannetti. *O livro das citações*, 2008.)

a) Que característica presente nesse excerto do escritor russo pode ser encontrada na prosa de Machado de Assis? Transcreva uma frase do excerto em que se verifica essa característica.

b) Por que o escritor russo acredita que seus leitores talvez pensem que ele tenha enlouquecido?

Resolução:

a) A característica presente no texto e que é bastante comum na prosa machadiana é a interpelação ao leitor, em especial quando o narrador tece considerações sobre a narrativa (metalinguagem) ou, como no caso, quando reflete sobre a condição humana.

Talvez, senhores, pensem que enlouqueci.

Permitam-me fazer uma ressalva.

Digam-me!

b) Ele acredita que a suposição de sua loucura se deva à sua explicação da presença no homem de duas tendências opostas: a de ser “*um animal predominante construtivo*” e a de ser “*apaixonadamente propenso à destruição e ao caos*”. Ele considera que esse desejo de destruição é paradoxalmente um complemento ao desejo de construção, pois é “*uma consequência do seu medo instintivo de alcançar o objetivo e completar a obra em construção*”. Em resumo, por defender uma tese aparentemente incoerente – a de que o homem quer destruir aquilo que construiu –, os leitores talvez pensem que o escritor russo enlouqueceu.

Questão 6 - Língua Portuguesa

Para responder à questão, leia um excerto de Fiódor Dostoiévski (1821-1881), escritor russo contemporâneo de Machado de Assis.

Talvez, senhores, pensem que enlouqueci. Permitam-me fazer uma ressalva. Concordo: o homem é um animal predominantemente construtivo, destinado ao esforço consciente em direção a um objetivo e dedicado à arte da engenharia, quer dizer, à eterna e incessante construção de uma estrada — *não importa para onde ela vá*. E que o ponto principal não é *para onde* ela vai, mas que vá a algum lugar, e que uma criança comportada, mesmo que deteste a profissão de engenheiro, não deve se render àquela desastrosa indolência que, como se sabe, é a mãe de todos os vícios. O homem ama a construção e a abertura de estradas, isso é indisputável. Mas como explicar que ele seja tão apaixonadamente propenso à destruição e ao caos? Digam-me! Sobre esse assunto tenho algo a dizer, ainda que breve. Não será seu apego apaixonado à destruição e ao caos uma consequência do seu medo instintivo de alcançar o objetivo e completar a obra em construção? [...] Mas o homem é uma criatura volúvel e de reputação duvidosa e, talvez, como um enxadrista, esteja mais interessado em perseguir um objetivo do que no objetivo em si. E, quem sabe (ninguém pode ter certeza), talvez o único propósito do homem neste mundo consista no processo contínuo de perseguir um objetivo ou, em outras palavras, de viver, e não propriamente no objetivo, que, é claro, tem de ser algo como duas vezes dois são quatro, ou seja, uma fórmula, algo que, afinal, não é a vida, mas o princípio da morte.

(Apud Eduardo Giannetti. *O livro das citações*, 2008.)

- a) Para o escritor russo, qual seria a possível causa do apego humano à destruição? Fundamente sua resposta com um pequeno trecho do excerto.
- b) Transcreva do texto uma oração que expresse ideia de concessão. Reescreva essa oração, substituindo sua locução conjuntiva por outra de valor equivalente.

Resolução:

- a) Como o próprio autor indaga: “*Não será seu apego (o do homem) apaixonado à destruição e ao caos uma consequência do seu medo instintivo de alcançar o objetivo e completar a obra em construção?*” Na sequência, ele levanta uma hipótese do porquê desse medo: ao homem interessaria mais a busca do objetivo do que o objetivo em si. Assim o homem se apega à destruição, porque é ela que faz com que a busca não cesse e porque para ele isso é a vida, sendo a consecução do objetivo o princípio da morte.

“*talvez o único propósito do homem neste mundo consista no processo contínuo de perseguir um objetivo ou, em outras palavras, de viver*”

- b) Oração transcrita:

“*mesmo que deteste a profissão de engenheiro*”

Oração reescrita com substituição da locução conjuntiva:

“*ainda que* deteste a profissão de engenheiro”

Questão 7 - Língua Portuguesa

Para responder às questões, leia a narrativa “A moça de vestido amarelo”, da escritora Conceição Evaristo. Nascida em Belo Horizonte, MG, Conceição Evaristo teve de conciliar os estudos com o trabalho como empregada doméstica até concluir o Curso Normal, em 1971, já aos 25 anos. Foi agraciada com o Prêmio Jabuti em 2015 pela obra *Olhos d’água*.

Dóris da Conceição Aparecida, desde o primeiro ano de vida, ao começar a falar, deixou os seus espantados. Abrindo os braços, espichando um dos dedos como se mostrasse alguém ou alguma coisa, balbuciou algo assim: “a-ma-e-lo, a-ma-e-lo”. Crescendo foi e seus dizeres também. Do balbucio “a-ma-e-lo”, a palavra “amarelo” se fez ouvir correta e sempre presente no vocabulário da menina. A cor mais ainda. Era o matiz preferido para colorir seus rabiscos, desde seus desenhos da fase célula até as criações mais completas, como a do corpo humano ou a cópia das paisagens.

Um dia, aos sete anos, acordou sorridente dizendo que havia sonhado com a moça de vestido amarelo. A moça que ela via sempre e que alguns de sua família entendiam como sendo uma amiga imaginária da menina. Só a sua avó sabia muito bem de que moça a Sãozinha estava falando. Espantos tiveram todos, menos a avó.

O sonho acordara Dóris, bem no dia de sua primeira comunhão. Não poderia Dóris ter sonhado outros sonhos? Anjinhos dançando e voando em algum lugar azul-celeste? Não poderia ter sonhado com a hóstia consagrada, a quem devemos tanto respeito? E por que não sonhara com o cálice bento? Buscando se recuperar do assombro, resolveram crer que nada seria mais católico do que a menina sonhar com a Mãe de Jesus. A moça de vestido amarelo poderia ser a Nossa Senhora dos Católicos, que viera em vigília cuidar do sono e dos sonhos da menina, pois no dia seguinte ela iria receber a comunhão pela primeira vez. O sonho indicava o fervor da menina diante da fé católica. A moça que enfeitava o sonho da menina só podia ser a Santa em suas diversas aparições de ajuda e milagres: Senhora Aparecida, Senhora da Conceição, Senhora do Rosário dos Pretos, Senhora Desatadora dos Nós, Nossa Senhora dos Remédios, a Virgem de Fátima... Mas, entretanto, um detalhe não se ajustava bem. Por que a mudança da cor do manto da santa? Azul e branco eram as cores preferidas da Santa católica... Pelo que se sabe a Senhora Católica nunca havia aparecido de amarelo.

O padre, ao ser informado sobre o sonho da menina, foi lacônico e certo em direção à resposta. Com um tom de contrariedade na voz, olhou severo para a vó de Dóris, como se ela tivesse alguma culpa sobre o sonho da menina. E mordendo as palavras respondeu que deixasse estar, cada qual sonha com o que está guardado no inconsciente. E no inconsciente, nem a força do catecismo, da pregação e nem as do castigo apagam tudo.

Dóris estava mais bonita naquela manhã e depois de narrar o sonho caiu em um sono mais profundo do que tinha tido a noite inteira. Só quem conseguiu acordá-la foi a vó, Dona Iduína, tocando algumas vezes na cabeça da menina. Na hora da comunhão, o rosto de Dóris se iluminou. Uma intensa luz amarela brilhava sobre ela. E a menina se revestiu de tamanha graça, que a Senhora lá do altar sorriu. Uma paz, nunca sentida, inundou a igreja inteira. Ruídos de água desenhavam rios caudalosos e mansos a correr pelo corredor central do templo. E a menina, em vez de rezar a Ave-Maria, oração ensaiada por tanto tempo, cantou outro cumprimento. Cantou e dançou como se tocasse suavemente as águas serenas de um rio. Alguns entenderam a nova celebração que ali acontecera. A avó de Dóris sorria feliz. Dóris da Conceição Aparecida cantou para nossa outra Mãe, para a nossa outra Senhora.

(Conceição Evaristo. *Histórias de leves enganos e parecenças*, 2017.)

a) O chamado discurso indireto livre é aquele em que a voz do personagem mescla-se à voz do narrador. Em que parágrafo a escritora lança mão reiteradamente do chamado discurso indireto livre? Justifique sua resposta.

b) “O padre, ao ser informado sobre o sonho da menina, foi lacônico e certo em direção à resposta. [...] E mordendo as palavras respondeu que deixasse estar, cada qual sonha com o que está guardado no inconsciente.” (4º parágrafo) Em que medida a expressão “mordendo as palavras” reforça a caracterização da resposta do padre como lacônica?

Resolução:

a) Ela lança mão reiteradamente do discurso indireto livre no 3º parágrafo. No 2º, é dito que, no dia da sua comunhão, a menina sonhou com a moça de vestido amarelo, o que deixou espantada a família. O parágrafo seguinte traz uma série de indagações que explicam esse espanto, os parentes estão contrariados por a menina não ter sonhado com algo relacionado à sacralidade daquele dia. O fato de que, mesmo não havendo indicação explícita, é mais coerente atribuir essas falas à família do que ao narrador, caracteriza o discurso indireto livre.

b) O padre não gostou do sonho da menina, mas acha que é inútil tentar se opor a ele, por provir do inconsciente. A afirmação de que ele morde as palavras dá a entender que elas saem a custo e com irritação, daí serem poucas e tornarem a resposta lacônica, ou seja, concisa.

Questão 8 - Língua Portuguesa

Para responder às questões, leia a narrativa “A moça de vestido amarelo”, da escritora Conceição Evaristo. Nascida em Belo Horizonte, MG, Conceição Evaristo teve de conciliar os estudos com o trabalho como empregada doméstica até concluir o Curso Normal, em 1971, já aos 25 anos. Foi agraciada com o Prêmio Jabuti em 2015 pela obra *Olhos d'água*.

Dóris da Conceição Aparecida, desde o primeiro ano de vida, ao começar a falar, deixou os seus espantados. Abrindo os braços, espichando um dos dedos como se mostrasse alguém ou alguma coisa, balbuciou algo assim: “a-ma-e-lo, a-ma-e-lo”. Crescendo foi e seus dizeres também. Do balbúcio “a-ma-e-lo”, a palavra “amarelo” se fez ouvir correta e sempre presente no vocabulário da menina. A cor mais ainda. Era o matiz preferido para colorir seus rabiscos, desde seus desenhos da fase célula até as criações mais completas, como a do corpo humano ou a cópia das paisagens.

Um dia, aos sete anos, acordou sorridente dizendo que havia sonhado com a moça de vestido amarelo. A moça que ela via sempre e que alguns de sua família entendiam como sendo uma amiga imaginária da menina. Só a sua avó sabia muito bem de que moça a Sãozinha estava falando. Espantos tiveram todos, menos a avó.

O sonho acordara Dóris, bem no dia de sua primeira comunhão. Não poderia Dóris ter sonhado outros sonhos? Anjinhos dançando e voando em algum lugar azul-celeste? Não poderia ter sonhado com a hóstia consagrada, a quem devemos tanto respeito? E por que não sonhara com o cálice bento? Buscando se recuperarem do assombro, resolveram crer que nada seria mais católico do que a menina sonhar com a Mãe de Jesus. A moça de vestido amarelo poderia ser a Nossa Senhora dos Católicos, que viera em vigília cuidar do sono e dos sonhos da menina, pois no dia seguinte ela iria receber a comunhão pela primeira vez. O sonho indicava o fervor da menina diante da fé católica. A moça que enfeitava o sonho da menina só podia ser a Santa em suas diversas aparições de ajuda e milagres: Senhora Aparecida, Senhora da Conceição, Senhora do Rosário dos Pretos, Senhora Desatadora dos Nós, Nossa Senhora dos Remédios, a Virgem de Fátima... Mas, entretanto, um detalhe não se ajustava bem. Por que a mudança da cor do manto da santa? Azul e branco eram as cores preferidas da Santa católica... Pelo que se sabe a Senhora Católica nunca havia aparecido de amarelo.

O padre, ao ser informado sobre o sonho da menina, foi lacônico e certo em direção à resposta. Com um tom de contrariedade na voz, olhou severo para a vó de Dóris, como se ela tivesse alguma culpa sobre o sonho da menina. E mordendo as palavras respondeu que deixasse estar, cada qual sonha com o que está guardado no inconsciente. E no inconsciente, nem a força do catecismo, da pregação e nem as do castigo apagam tudo.

Dóris estava mais bonita naquela manhã e depois de narrar o sonho caiu em um sono mais profundo do que tinha tido a noite inteira. Só quem conseguiu acordá-la foi a vó, Dona Iduína, tocando algumas vezes na cabeça da menina. Na hora da comunhão, o rosto de Dóris se iluminou. Uma intensa luz amarela brilhava sobre ela. E a menina se revestiu de tamanha graça, que a Senhora lá do altar sorriu. Uma paz, nunca sentida, inundou a igreja inteira. Ruídos de água desenhavam rios caudalosos e mansos a correr pelo corredor central do templo. E a menina, em vez de rezar a Ave-Maria, oração ensaiada por tanto tempo, cantou outro cumprimento. Cantou e dançou como se tocasse suavemente as águas serenas de um rio. Alguns entenderam a nova celebração que ali acontecera. A avó de Dóris sorria feliz. Dóris da Conceição Aparecida cantou para nossa outra Mãe, para a nossa outra Senhora.

(Conceição Evaristo. *Histórias de leves enganos e pareências*, 2017.)

a) Transcreva uma frase do último parágrafo em que a narradora se intromete explicitamente na narrativa, identificando-se nesse ato com a fé professada pela avó de Dóris. Justifique sua resposta.

b) Objeto direto interno: É o complemento constituído por substantivo cognato do verbo (ou seja, o substantivo tem a mesma raiz ou origem etimológica do verbo) ou da esfera semântica deste: “Ao cabo, parecia-me *jogar um jogo perigoso*.” (Machado de Assis, *Memórias póstumas de Brás Cubas*) / “E dançavam uma dança tão alegre que quase estourei de riso.” (Machado de Assis, *Obras completas*).

(Domingos Paschoal Cegalla. *Dicionário de dificuldades de língua portuguesa*, 2009. Adaptado.)

Transcreva uma frase do terceiro parágrafo em que se verifica um objeto direto interno. Justifique sua resposta.

Resolução:

a) “Dóris da Conceição Aparecida cantou para nossa outra Mãe, para a nossa outra Senhora.”

A narradora se intromete diretamente na narrativa ao utilizar a expressão “a nossa outra Senhora”, em vez da forma consagrada “Nossa Senhora”. O possessivo de primeira pessoa “nossa” com letra minúscula inclui a narradora na narrativa e mostra que, tal como a neta e a avó, a Mãe de Deus que elas reconhecem não é a oficial, mas uma outra que provém de uma vivência particular e poética da religião.

b) “ter sonhado outros sonhos”

A locução verbal “ter sonhado” tem como verbo principal o verbo *sonhar*. O objeto direto “*outros sonhos*” tem como núcleo a palavra “*sonhos*”. Como “*sonhar*” e “*sonho*” são cognatos, pode-se classificar esse objeto direto de interno.

Questão 9 - Língua Inglesa

Leia o texto para responder, em português, à questão.

Following a public vote in which more than 37,000 people had their say, we, at Oxford University Press¹, are pleased to announce that the Oxford Word of the Year for 2024 is 'brain rot'. After two weeks of public voting and widespread conversation, Oxford's experts came together to consider the public's input, voting results, and language data, before declaring 'brain rot' as the definitive Word of the Year for 2024.

Why 'brain rot'?

'Brain rot' is defined as: 1. the supposed deterioration of a person's mental or intellectual state, especially viewed as the result of overconsumption of material (now particularly online content) considered to be trivial or unchallenging; 2. something characterized as likely to lead to such deterioration.

Oxford's experts noticed that 'brain rot' gained new prominence in 2024 as a term used to capture concerns about the impact of consuming excessive amounts of low-quality online content, especially on social media. The term increased in usage frequency by 230% between 2023 and 2024.

The term has taken on new significance in the digital age, especially over the past year. Initially gaining traction on social media platform — particularly on TikTok among Gen Z (people born approximately between 1997 and 2012) and Gen Alpha (people born approximately between 2010 and 2025) communities — 'brain rot' is now seeing more widespread use, such as in mainstream journalism, amidst societal concerns about the negative impact of overconsuming online content.



(<https://corp.oup.com>, 02.12.2024. Adaptado.)

¹Oxford University Press é uma casa editorial e departamento da Universidade de Oxford, no Reino Unido. Edita o Oxford English Dictionary, entre outros títulos.

De acordo com o primeiro parágrafo:

- a) quantas pessoas votaram para escolher a Palavra do Ano de 2024 do dicionário Oxford e quanto tempo durou a votação do público?
- b) cite dois tipos de informação que os especialistas do dicionário Oxford utilizaram para definir a Palavra do Ano de 2024.

Resolução:

- a) Mais de 37.000 pessoas puderam votar por duas semanas para a escolha da palavra.
- b) Os especialistas analisaram a contribuição do público, os resultados da votação e os dados linguísticos.

Questão 10 - Língua Inglesa

Leia o texto para responder, em português, à questão.

Following a public vote in which more than 37,000 people had their say, we, at Oxford University Press¹, are pleased to announce that the Oxford Word of the Year for 2024 is 'brain rot'. After two weeks of public voting and widespread conversation, Oxford's experts came together to consider the public's input, voting results, and language data, before declaring 'brain rot' as the definitive Word of the Year for 2024.

Why 'brain rot'?

'Brain rot' is defined as: 1. the supposed deterioration of a person's mental or intellectual state, especially viewed as the result of overconsumption of material (now particularly online content) considered to be trivial or unchallenging; 2. something characterized as likely to lead to such deterioration.

Oxford's experts noticed that 'brain rot' gained new prominence in 2024 as a term used to capture concerns about the impact of consuming excessive amounts of low-quality online content, especially on social media. The term increased in usage frequency by 230% between 2023 and 2024.

The term has taken on new significance in the digital age, especially over the past year. Initially gaining traction on social media platform — particularly on TikTok among Gen Z (people born approximately between 1997 and 2012) and Gen Alpha (people born approximately between 2010 and 2025) communities — 'brain rot' is now seeing more widespread use, such as in mainstream journalism, amidst societal concerns about the negative impact of overconsuming online content.



(<https://corp.oup.com>, 02.12.2024. Adaptado.)

¹Oxford University Press é uma casa editorial e departamento da Universidade de Oxford, no Reino Unido. Edita o Oxford English Dictionary, entre outros títulos.

De acordo com o segundo parágrafo:

a) conforme a primeira definição de "brain rot" apresentada, que tipo de prejuízo o "apodrecimento cerebral" pode provocar à saúde? Qual a causa desse "apodrecimento"?

b) qual o sentido de "brain rot", conforme a segunda definição apresentada? Dentre as duas definições apresentadas, qual representa o efeito sobre o estado mental de uma pessoa?

Resolução:

a) Deterioração do estado mental ou intelectual de uma pessoa, especialmente vista como resultado do consumo excessivo de material online, considerado trivial ou pouco desafiador.

b) Algo que é caracterizado como provavelmente causador desse tipo de deterioração mental. Ou seja, refere-se ao próprio conteúdo que, se consumido em excesso, pode provocar o "apodrecimento cerebral".

A **primeira definição**, pois ela descreve diretamente o resultado ou o efeito na pessoa (a deterioração do estado mental ou intelectual).

Questão 11 - Língua Inglesa

Leia o texto para responder, em português, à questão.

Following a public vote in which more than 37,000 people had their say, we, at Oxford University Press¹, are pleased to announce that the Oxford Word of the Year for 2024 is 'brain rot'. After two weeks of public voting and widespread conversation, Oxford's experts came together to consider the public's input, voting results, and language data, before declaring 'brain rot' as the definitive Word of the Year for 2024.

Why 'brain rot'?

'Brain rot' is defined as: 1. the supposed deterioration of a person's mental or intellectual state, especially viewed as the result of overconsumption of material (now particularly online content) considered to be trivial or unchallenging; 2. something characterized as likely to lead to such deterioration.

Oxford's experts noticed that 'brain rot' gained new prominence in 2024 as a term used to capture concerns about the impact of consuming excessive amounts of low-quality online content, especially on social media. The term increased in usage frequency by 230% between 2023 and 2024.

The term has taken on new significance in the digital age, especially over the past year. Initially gaining traction on social media platform — particularly on TikTok among Gen Z (people born approximately between 1997 and 2012) and Gen Alpha (people born approximately between 2010 and 2025) communities — 'brain rot' is now seeing more widespread use, such as in mainstream journalism, amidst societal concerns about the negative impact of overconsuming online content.



(<https://corp.oup.com>, 02.12.2024. Adaptado.)

¹Oxford University Press é uma casa editorial e departamento da Universidade de Oxford, no Reino Unido. Edita o Oxford English Dictionary, entre outros títulos.

De acordo com o terceiro e quarto parágrafos:

- o que ocorreu em relação ao uso da expressão "brain rot" entre 2023 e 2024? No primeiro momento, quais mídias impulsionaram o uso da expressão "brain rot"?
- que público utilizou inicialmente a expressão "brain rot" e qual mídia incorporou o uso da expressão posteriormente?

Resolução:

- O uso da expressão "brain rot" aumentou significativamente, com um crescimento de 230% entre 2023 e 2024. Inicialmente, a expressão foi impulsionada por plataformas de mídia social, especialmente o TikTok.
- A expressão foi inicialmente utilizada por pessoas das gerações Gen Z (nascidos aproximadamente entre 1997 e 2012) e Gen Alpha (nascidos aproximadamente entre 2010 e 2025). Posteriormente, o termo foi adotado também pela mídia tradicional e pelo jornalismo mainstream, refletindo uma preocupação social mais ampla.

Questão 12 - Língua Inglesa

Leia o texto para responder, em português, à questão.

What do employers want from schools and education?

Two-thirds of leaders of Small and Midsize Enterprises (SME) responding to a YouGov survey in the United Kingdom said the purpose of education is to develop children into well-rounded¹ human beings (68%). A third (32%) said it is to create efficient workers for the future.

Despite the difference in opinion among SME leaders on the purpose of education, there was consensus across SME sectors that personal and professional skills like problem solving, communication, critical thinking and reflection are valued over subject-specific knowledge.

(Ruth Holmes. www.relocatemagazine.com, 26.04.2023. Adaptado.)

¹ well-rounded: bem-formado, íntegro.

a) De acordo com o primeiro parágrafo, qual foi a opinião majoritária sobre a finalidade da educação na pesquisa realizada? Qual foi a opinião minoritária?

b) De acordo com o segundo parágrafo, na percepção dos líderes de pequenas e médias empresas, como o conhecimento específico de um assunto é visto? Cite um exemplo de habilidade sobre a qual houve concordância entre líderes de pequenas e médias empresas.

Resolução:

a) A opinião majoritária (68%) é de que a finalidade da educação é formar seres humanos bem desenvolvidos e completos (“well-rounded human beings”). A opinião minoritária (32%) é de que a educação deve formar trabalhadores eficientes para o futuro.

b) O conhecimento específico de um assunto é considerado menos valorizado do que o desenvolvimento de habilidades pessoais e profissionais. Um exemplo de habilidade valorizada e sobre a qual houve concordância é a resolução de problemas.

Questão 13 - Língua Portuguesa

Texto 1



("What is Climate Justice?". www.benjerry.com, 30.11.2015.)

Texto 2

Art. 225. Todos têm direito ao meio ambiente ecologicamente equilibrado, bem de uso comum do povo e essencial à sadia qualidade de vida, impondo-se ao Poder Público e à coletividade o dever de defendê-lo e preservá-lo para as presentes e futuras gerações.

(Constituição da República Federativa do Brasil, 2023.)

Texto 3

Diante da crescente intensificação da crise climática, o conceito de justiça climática emerge como uma lente, revelando as desigualdades que permeiam a distribuição dos impactos e das responsabilidades. Mas, afinal, o que significa justiça climática e por que ela se tornou tão essencial em nosso tempo?

A justiça climática mergulha nas raízes sociais, econômicas e políticas da crise climática, expondo como os mais vulneráveis, aqueles que menos contribuíram para o problema são os que mais sofrem as suas consequências. Trata-se de uma abordagem ética e política que emerge como evolução da justiça ambiental, focando nas desigualdades sociais amplificadas pelas mudanças climáticas. Ela conecta os direitos humanos, a equidade e a sustentabilidade, propondo medidas para reduzir os impactos climáticos nos grupos mais expostos e vulnerabilizados.

Como país megabiodiverso e de marcadas desigualdades socioeconômicas, o Brasil tem a oportunidade — e a responsabilidade — de transformar a justiça climática em um motor de mudança real. Mas até que ponto estamos dispostos a sair do discurso e implementar políticas que verdadeiramente coloquem os mais vulneráveis no centro das soluções climáticas?

(Roger Barreiros et al. "Entenda o que é justiça climática". www.wribrasil.org.br, 11.02.2025. Adaptado.)

Texto 4

O colapso climático e a extrema desigualdade são os dois principais desafios do mundo hoje e não são crises separadas. Uma se alimenta da outra, beneficiando um pequeno grupo de bilionários enquanto a imensa maioria da população global sofre as consequências da destruição do equilíbrio ambiental, social e econômico do planeta.

O relatório *Igualdade climática: um planeta para os 99%* baseia-se em novos dados globais produzidos por especialistas de todo o mundo em defesa de uma nova abordagem para enfrentar as crises climáticas e de extrema desigualdade — responsabilizando aqueles que lucram com a destruição ambiental, fazendo com que paguem para limpar os estragos e financiem a transição energética de que o mundo precisa.

Alguns destaques do relatório:



Em 2019, o 1% mais rico do mundo foi responsável por 16% das emissões globais de CO₂, o equivalente às emissões de cerca de 5 bilhões de pessoas (66% da população global).



As emissões globais anuais do 1% mais rico do mundo anulam a economia de carbono de quase um milhão de turbinas eólicas terrestres.



Um imposto global de 60% sobre os rendimentos do 1% mais rico do mundo arrecadaria US\$ 6,4 tri para financiar energias renováveis.

(*Igualdade climática: um planeta para os 99%*. www.oxfam.org.br. Adaptado.)

Com base nos textos apresentados e em seus próprios conhecimentos, escreva um texto dissertativo-argumentativo, empregando a norma-padrão da língua portuguesa, sobre o tema:

Resolução:

Neste ano, a Unesp solicitou aos candidatos, em sua prova de redação, uma dissertação-argumentativa sobre o tema “**Justiça Climática é uma utopia?**”. Ainda que essa temática, por um lado, faça referência ao conceito abstrato de “utopia” de Thomas More, geralmente empregado para caracterizar uma situação como ideal ou irrealizável, por outro, ela focaliza problemas concretos relacionados ao meio ambiente. Nesse sentido, a pergunta-tema exige do candidato uma reflexão sobre a viabilidade de um ideal de equidade sócio-climática, que pode ser sustentada com dados numéricos, situações concretas e conceitos de pensadores para que a argumentação resulte sólida e convincente.

Para apoiar a reflexão e delinear o tema, a coletânea contou com quatro textos de gêneros diferentes. O texto 1 é uma charge de título “*What is climate justice?*” (O que é justiça climática?) e introduz, de forma visual e concisa, o cerne da noção de justiça climática, destacando o quão desproporcionais são os impactos climáticos sobre populações marginalizadas, que contribuem menos para o problema, quando comparados aos efeitos sofridos pelas potências mais ricas do planeta.

O texto 2 é o artigo 225 da nossa Constituição Federal, o qual estabelece que um meio ambiente ecologicamente equilibrado é direito de todos os brasileiros, classificando-o como um “bem de uso comum do povo e essencial à sadia qualidade de vida”.

O texto 3, de Rogger Barreiros, define a justiça climática como uma abordagem ética e política que reconhece as profundas desigualdades nas responsabilidades e nos impactos da crise climática, uma vez que os grupos sociais mais vulneráveis são os mais afetados pelos seus efeitos, apesar de contribuírem menos com ela.

Por fim, o texto 4, da Oxfam (confederação global de organizações não governamentais que atuam contra a pobreza e a injustiça), argumenta que as crises climáticas e de desigualdade extrema são intrinsecamente ligadas e mutuamente reforçadoras, beneficiando uma minoria rica em detrimento da maioria global. O texto propõe, então, que os principais responsáveis pela degradação e destruição ambiental, os quais também lucram com ela, sejam responsabilizados e financiem a transição energética global, buscando maior equidade climática.

Encaminhamentos possíveis:

1. **É uma utopia:** Embora constitua um nobre ideal de relações sociais e entre sociedade e meio ambiente, a justiça climática, em sua plena realização, parece uma realidade inatingível, dada a complexidade das relações de poder, dos interesses econômicos e da fragmentação política global, tornando-a um objetivo utópico. Nessa perspectiva, algumas reflexões poderiam ser desenvolvidas, tais quais:

Natureza sistêmica da desigualdade: a justiça climática enfrenta barreiras intransponíveis, considerando a hegemonia do capitalismo neoliberal, que explora as desigualdades e ignora os apelos por sustentabilidade como formas de potencializar lucros e poder.

Interesses econômicos e políticos: grandes corporações privadas e nações desenvolvidas têm interesses na manutenção do *status quo* social, energético e produtivo, tornando difícil a implementação de mudanças profundas.

Polarizações e interesses difusos: a dificuldade para alcançar consensos sobre temas sociais, econômicos e climáticos, em nível nacional ou internacional, impede que a justiça climática seja concretizada.

Apatia e negacionismo: a resistência de parte da população e de líderes políticos em reconhecer a gravidade da crise climática e a urgência de medidas eficazes para sua mitigação dificulta a mobilização por justiça.

2. **Não é uma utopia:** A justiça climática não é uma utopia, no sentido de algo irrealizável, mas um objetivo pragmático e absolutamente necessário para enfrentar os desafios sociais e ambientais do século XXI. Apesar das dificuldades, sua concretização, ainda que de forma imperfeita ou parcial, é possível e indispensável para a construção de um futuro equitativo e sustentável. Para desenvolver essa perspectiva, as reflexões a seguir poderiam ser consideradas:

Imperativo ético e moral: a desigualdade em relação aos efeitos da crise climática é uma violação de Direitos Humanos e da Constituição brasileira, além de ser um problema moral que exige ação. Sob o ponto de vista da evolução das relações sociais e socioambientais, não se trata de uma escolha, mas de uma diretriz obrigatória.

Aumento de mobilizações e de consciência: há um crescimento de movimentos sociais, ONGs (como a Oxfam), ativistas (como Greta Thunberg) e ações de Estados (mesmo pontuais) que pressionam por justiça climática e mostram que governos e a sociedade civil podem ser uma força motriz de mudanças.

Consequências da inação: não buscar pela justiça climática certamente agravará a crise humanitária, social, econômica, energética e ambiental, tornando-a uma questão ainda mais vital para a sobrevivência e a estabilidade global no futuro.

Marcos conceitual e legal: O conceito de justiça climática já está incorporado na Constituição Federal de 1988, oferecendo diretriz legal para ações da sociedade civil e de governos, em todas as suas esferas, para a mitigação das disparidades.

Alguns repertórios socioculturais que podem auxiliar na fundamentação das reflexões sobre o tema:

Ailton Krenak e a separação entre humanidade e natureza: o filósofo e líder indígena brasileiro denuncia a visão utilitarista da natureza, segundo a qual o progresso econômico e social destrói os ecossistemas. A partir da premissa de que não nos consideramos partes da natureza, a cisão resultante de nosso processo de abstração civilizacional, legitimamos ações de exploração predatória da natureza. Nesse contexto, o pensamento de Krenak pode auxiliar a justificar, por exemplo, o caráter utópico da justiça climática, uma vez que a cisão entre a civilização (especialmente urbana) e a natureza compõe uma característica dificilmente reversível, dado o progresso tecnológico.

Hans Jonas e o *Princípio Responsabilidade*: o filósofo alemão defende que as ações humanas contemporâneas devem considerar seus impactos sobre o futuro da vida no planeta, a fim de garantir a perpetuação dela com dignidade. Trata-se, portanto, de responsabilidade intergeracional, haja vista que a crise climática e ambiental do presente pode colocar em risco a qualidade de vida das próximas gerações, ou mesmo sua sobrevivência. Segundo essa lógica, a justiça climática requer decisões políticas e tecnológicas que levem em consideração a equidade de condições de vida para as gerações futuras.

Amartya Sen e as noções de desigualdade e justiça: o economista e filósofo indiano defende que a noção de justiça não deve considerar apenas a ideia de igualdade, ou de mitigação das desigualdades, mas precisa se fundamentar também na garantia de condições reais para uma vida digna em diferentes contextos de existência. No âmbito do tema, isso implica reconhecer que os mais pobres são os mais vulneráveis às adversidades climáticas e, portanto, são necessárias ações diferenciadas para proteger especialmente esses grupos.

Carta da Terra e as ideias de sustentabilidade e justiça social: elaborada durante a conferência Rio-92, ela é uma declaração de princípios éticos para a construção de uma sociedade global justa, sustentável e pacífica. Segundo o documento elaborado depois de um longo processo de consultas e diálogos internacionais, a proteção ambiental deve andar junto da erradicação da pobreza e do respeito aos direitos humanos. São 16 princípios que versam sobre proteção do meio ambiente, promoção da justiça social, construção da paz e educação para a sustentabilidade do meio ambiente. A Carta pode fundamentar a opinião de que a justiça climática não é uma utopia, mas uma construção complexa e gradual, haja vista a elaboração de um documento norteador de ações em prol desse tema ainda na década de 90 do século passado.

Desastre ambiental no Rio Grande do Sul: especialistas da Oxfam e do IBGE destacam que as enchentes que castigaram a Região Sul do país em 2024 aprofundaram desigualdades sociais que já existiam antes da catástrofe. Populações em situação de vulnerabilidade social tiveram mais dificuldade para acessar abrigos, água potável e alimentos, depois das cheias, demonstrando que eventos climáticos extremos não acometem as populações da mesma forma. Esse fato contemporâneo reforça a necessidade de justiça climática, por meio de políticas que visem sobretudo aos mais vulneráveis.

Exemplo norte-americano: o Condado de Harris, no Texas, adotou em 2024 um *Climate Justice Plan* que prevê ações públicas com apoio popular em favor do desenvolvimento de infraestrutura verde, da melhoria da qualidade do ar e da água, priorizando comunidades vulneráveis. O caso americano ilustra a necessidade de articulação do poder público e da comunidade reunidos em torno de objetivos de equidade social e climática claros, acordados e documentados, especialmente em níveis de organização social em que as relações se dão de forma mais próxima, como nos municípios.

